

O que lhes importa a êles a escola materialista? Pôde esta ter por si a opinião pública, lutando, como luta, contra a consciência universal — contra as tradições — contra a necessidade — contra a filosofia — contra o sentimento — contra os desejos — contra as esperanças — contra as crenças de todos os povos?

Não temem êles, portanto, os defensores da matéria — e abandonam-os a seus esforços impotentes, concedendo-lhes, por muito favor, um olhar de compaixão e um sorriso de triunfo.

Por mais que o materialismo procure destruir seu império, nada conseguirá, não colhendo senão provocar conflitos parciais e passageiros na economia social — conflitos que, em última análise, darão maior importância às classes sacerdotais, e torná-las-ão mais necessárias.

Com o Espiritismo o caso é diverso. Esta escola não vem destruir, mas sim corrigir, restabelecer e bradar — Alerta! — à humanidade, que se afastou do verdadeiro caminho, afim de que, reconhecendo seus extravios, e reconhecendo o precipício que se abre sob seus pés, retroceda às vias retas do Evangelho.

Não vem destruir o Cristianismo, mas sim restaurá-lo, varrendo dêle as impurezas inquinadas pelos homens, em oposição às verdades pregadas por Jesus.

Não vem abalar a sociedade por seus fundamentos, mas sim robustecê-los e firmá-los.

Não traz na dextra o facho da discórdia — dos ódios — das paixões revoltas, nem prega o egoísmo — o privilégio — a intransigência ou a rebelião, mas sim, humilde como seu Mestre, Jesus Cristo, ela chama os corações à humildade e à caridade — exalta o sofrimento e a resignação — desperta a esperança da felicidade, pela purificação dos sentimentos e pela prática do bem — e aponta com o dedo o Filho do Homem, como o mais completo modelo que os homens devem seguir.

Uma escola de tão puros e benéficos princípios, há

de chamar a si todas as consciências honestas — todos os corações nobres — todas as inteligências independentes, que buscam a verdade na virtude; e isto é quanto basta para levar o alarme às tendas dos que não admitem outra verdade que não seja suas afirmações — e para convulsionar as iras dos que se sentiam bem com o monopólio do alimento espiritual.

Estudai o século apostólico, vós que tendes olhos de vêr — comparai a nobreza do episcopado daquele tempo, dos discípulos de Jesus, com a opulência do episcopado dos nossos dias — e dizei-nos:

Pôde isto ser a continuação daquilo? Nada se tem exagerado — nada se tem mudado — nada se tem mistificado?

Se Pedro e Paulo se levantassem, por um momento, volveriam a seus sepulcros envergonhados das riquezas e do fausto dos que ousam dizer-se seus sucessores. Cheios de santa indignação, corrê-los-iam a azorague, como Jesus correu os mercadores do Templo.

XIII

Cobardia. A nossa loucura. Os prudentes e os loucos do século.

Ronca a tempestade por sôbre nossas cabeças.

Como não, se somos fracos e dizemos a verdade aos poderosos?

Quando deixou de ser ridicularizada ou perseguida a verdade que opõe diques a êrros e abusos inveterados? Desgraçadamente, as sociedades estão organizadas de modo que, embora muitos lhes conheçam os abusos, poucos se acham com a coragem de denunciá-los e de afrontar as consequências da sua ousadia.

Já sabemos, portanto, o que nos espera: ódios da parte de uns e comiseração da parte de outros. Em troca, olharemos para uns e outros com amor.

Estamos possuidos da loucura espírita que consiste no ensinamento da lei moral pela caridade, e marchamos de conformidade com essa lei.

Loucos no meio de um século de egoísmo, fazemos o sacrifício do nosso amor próprio e de nossas comodidades, e seguimos, até onde não-lo permitem nossas fracas fôrças, as pégadas de Jesus Cristo.

O que sentimos, o que firmemente deploramos, é não termos a necessária virtude para imitar a Jesus Cristo em todas as nossas ações.

Não somos ainda tão loucos quanto devíamos ser, para podermos dizer-nos fiéis imitadores do que morreu para testemunho da divindade da sua loucura.

Porque não chamam de loucos os padres — os bispos — os arcebispos — os cardinais — os papas — e, em geral, as dignidades da igreja? Porque? Não é difícil adivinhá-lo.

O deus do século é o bezerro do ouro, e o século chama sensatos os que possuem o precioso metal de que se fabrícia o seu deus.

O espírito do século é a mercância, e o século reconhece, por filhos seus, os que sabem mercadejar e obter pingües gorjetas.

A moral do século é a comodidade e os prazeres, e o século aplaude os que gosam e desfrutam as comodidades da Terra.

O século não inquierte de linhagem nem de procedências — não pergunta a quem quer que seja donde vem e para onde vai — toma as coisas tais quais se apresentam, e limita-se a perguntar a cada um por sua posição e riqueza, para exclamar: vós, homens do negócio, do bem-estar e da fortuna, vinde a mim, porque sois filhos da sensatez resultante do positivismo utilitário — e vós, pobres do coração, que antepondes ao negócio a consciência e o dever, e não tendes sabido ajuntar os presentes da fortuna, passai à minha esquerda;

não sois meus filhos — sois uns néscios e uns loucos, dignos do sarcasmo e do desprezo.

XIV

As nossas esperanças a respeito dos católicos, dos indiferentes em religião e dos materialistas.

Alguns lêr-nos-ão com imparcial critério e virão a nós. Sorri-nos a esperança de que estes serão em maior número, porque o maior número sente a imperiosa necessidade de encher o vácuo que os sofismas religiosos deixaram em seu coração.

Cedo ou tarde, quantos se dedicarem de boa fé ao estudo da natureza humana em suas relações com a Divindade, se recolherão á sombra das consoladoras crenças por nós aceitas, porque reconhecerão que elas são necessárias, e que não é o Espiritismo uma escola fanática, impregnada de misticismo fantástico, como geralmente se crê, mas sim uma doutrina racional, sancionada pela lógica e confirmada pelos fatos.

Os católicos sinceros, que seguem e observam os ensinos de Roma, porque vivem na persuasão de que são os únicos verdadeiros, como fiel expressão das prédicas de Jesus, abraçarão com entusiasmo o Espiritismo, considerando bem a estreiteza e as tendências acomodatícias do critério dos papas — e a pureza evangélica da moral que a nova escola tem por fim restaurar e difundir.

Não aceitam, por seu credo, o Evangelho?

Pois venham ao nosso campo, que também invocamos o Evangelho e o proclamamos como de origem celestial, e mais que celestial, divina.

Queremos, porém, o Evangelho em sua pureza cristã: não corrigido nem aumentado ao sabor dos interesses e caprichos dos homens.